



## Meios de Comunicação e os Desafios da Escola<sup>1</sup>

Diêgo Raniery Pereira dos SANTOS <sup>2</sup>  
Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA

### RESUMO

A perspectiva desta proposta é abordar a constante aproximação entre Comunicação e Educação. O objetivo deste artigo é demonstrar a potencialidade dos meios de comunicação como estratégia para garantir a sistematização dos conhecimentos. As argumentações nos levam a crer que, a escola com os *meios* tem permitido que se concretizem modificações significativas na vida individual e coletiva dos sujeitos, na proporção que compreendam que a educação é uma forma de intervenção no mundo. Contemporaneamente, a escola tem dificuldade de situa-se; seu papel e seu lugar são menos absolutos. Agora ela compartilha o saber com outros lugares educacionais como o computador, a TV, o cinema, o rádio, etc. Por esta razão, a escola precisa, urgentemente, repensar o seu papel educativo frente às tecnologias da comunicação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Meios de comunicação; educação; escola.; mídia.

### 1. Introdução

O mundo moderno vem sofrendo profundas alterações nos diferentes âmbitos, da econômica à educação. “Todos estamos experimentando que a sociedade está mudando nas suas formas de organizar-se, de produzir bens, de comercializá-los, de divertir-se, de ensinar e de aprender” (MORAN, 2000, p. 11). Muitas dessas transformações devem-se ao desenvolvimento das novas tecnologias da comunicação que invadem o cotidiano das pessoas. A ampliação das possibilidades de comunicação e de informação, por meio de equipamentos como o telefone, a televisão e o computador, altera a forma de viver e de aprender na atualidade.

Há alguns anos atrás as pessoas saíam às ruas ou ficavam nas janelas de suas casas para se informarem sobre o que estava acontecendo nas proximidades, na região e no mundo. Através de viajantes e “mascates” as notícias eram transmitidas de uma localidade para outra. A conversa com os vizinhos e os viajantes garantia a troca e a renovação das informações. Na atualidade, com a televisão ou Internet, por exemplo, é possível saber as principais informações do que está acontecendo em todos os cantos - desde as mais longínquas partes do mundo até as redondezas, em tempo real.

1. Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
2. Graduado em Comunicação Social – Rádio e TV pela Universidade Estadual de Santa Cruz, pós-graduando em audiovisual pela UESC. E-mail: dig\_raniery@hotmail.com



Para Braga e Calazans (2001), a partir dos fins do século XIX a Comunicação vem se tornando uma questão relevante para a sociedade em pelo menos duas perspectivas. Por um lado, através do desenvolvimento de processos mediáticos que foram sendo gerados na sucessiva diversificação dos meios – penetração do jornal popular, telefone, cinema, rádio, televisão, mais recentemente as redes informáticas; e através da geração de procedimentos públicos de comunicação expressos em profissões e trabalhos como o jornalismo, a publicidade, a criação cinematográfica, radiofônica, televisual. Por outro lado, o ângulo comunicacional passou a ser relevante no espaço de todas as instituições e atividades da sociedade – na política, na saúde, nos negócios, na literatura, na economia, nas artes, nas ciências sociais e principalmente na educação.

Assim, observa-se que tanto o sistema educacional como as comunicações sociais atravessam o século XX envolvidos em sérias e constantes mutações. Seja em decorrência de processos tecnológicos de acelerada invenção, seja em função de modificações políticas, sociais e econômicas outras, os dois sistemas apresentam um processo de “reconstrução permanente”, que impede o recurso a procedimentos sedimentados na prática e na teoria. “Assim, mais ainda que em cada um dos campos específicos, a interface deles é espaço de experimentação e risco”. (BRAGA e CALAZANS, 2001, p. 11).

Segundo Braga e Calazans (2001), o educacional se coloca, diretamente, como uma questão central no desenvolvimento das novas tecnologias da comunicação social. A cada invenção tecnológica, a sociedade atribui aos processos comunicacionais, desenvolvidos em torno da invenção, uma expectativa educacional. Paralelamente, a questão comunicacional, para além de seu espaço próprio, interessa a todas as demais atividades humanas. Os dois campos se investem de uma competência para tratar de todas as coisas do mundo físico ou social – segundo as perspectivas de seus próprios objetivos e processos.

Nessa perspectiva, na educação da era tecnológica, um dos maiores desafios é procurar maneiras mais criativas de interação com as linguagens das mídias no contexto escolar, integrando a cultura midiática no espaço educativo, desenvolvendo nos alunos habilidades para utilizar os instrumentos dessa cultura. Deixar de trabalhar apenas com os conteúdos curriculares e usar outras linguagens.



## 2 O saber na sociedade da informação

O surgimento e desenvolvimento das novas tecnologias da informação vêm mudando profundamente a sociedade nos âmbitos político, econômico, social e cultural. “Estamos diante do que alguns teóricos chamam da Era da informação, que possui alcance transterritorial, capacidade de redução de trâfegos das ocorrências, permanência e imaterialidade”. (CITELLI, 2004, p. 19). Para o autor, tais circunstâncias geram novos processos de apreensão, convivência e circulação de eventos disponibilizados pelos recursos comunicacionais.

Ampliando a discussão Castells (1999) relata que a história da vida, normalmente é formada por uma série de situações estáveis, pontuadas em intervalos raros por eventos importantes que ocorrem com grande rapidez e que ajuda a estabelecer a próxima era estável. Segundo o estudioso, no final do século XX, vive-se um desses raros intervalos na história. “Um intervalo cuja característica é a transformação de nossa ‘cultura material’ pelos mecanismos de um novo paradigma tecnológico que se organiza em torno da tecnologia da informação”. (CASTELLS, 1999, p. 49).

Na era da informação são muitos os meios e suportes tecnológicos desenvolvidos, fazendo surgir novas formas de aprendizado, sociabilidade e facilidades na vida cotidiana. Para Castells (1999) ao redor do núcleo de tecnologias da informação, definido em um sentido mais amplo, uma constelação de grandes avanços tecnológicos vem ocorrendo nas duas últimas décadas do século XX, no que se refere a materiais avançados, fontes de energia, aplicações na medicina, técnicas de produção e tecnologias de transportes, dentre outros.

Aprofundando o debate sobre este ponto, segundo Jambeyro (2004), os três pilares que constituem a infra-estrutura da Sociedade da Informação: a Informática, na sua dimensão de produtora de *softwares*; a estrutura da Telemática, enquanto rede de telecomunicações computadorizada, interligada nacional e internacionalmente; e a indústria de equipamentos eletro-eletrônicos. Sobre essa infra-estrutura operaram os serviços de comunicações e informações, os primeiros interligando pessoas e equipamentos e outros produzindo, organizando, guardando, disseminando conteúdos. Dentre os últimos, o autor destaca os serviços informativos e culturais (Internet, museus, arquivos, bibliotecas, editoriais impressos, eletrônicos e virtuais, publicidade, jornais, revistas, rádio, TV e cinema). “Da operação regular e integrada dessa infra-



estrutura depende a existência da Sociedade da Informação”. (JAMBEIRO, 2004, p. 70).

Ainda conforme Jambeyro, o contexto em que se vive essas inovações, é num cenário de globalização, formação de conglomerados de empresas e privatizações que estão operando as relações entre os grupos de interesse das sociedades mundial, nacional e local, em função dos elementos estruturais e de controle de serviço na conjuntura contemporânea.

Assim, no mundo globalizado marcado pelas novas tecnologias da comunicação desenvolvem-se novas formas para a construção do conhecimento. Para Moran (2002) o conhecimento não é fragmentado, mas independente, interligado, intersensorial. Conhecer significa compreender todas as dimensões da realidade, captar e expressar essa totalidade de forma cada vez mais ampla e integral. Para o autor, pensar é aprender a raciocinar, a organizar logicamente o discurso submetendo-o a critérios, como a busca de razões convincentes, inferências fundamentadas, organização de explicações, descrições e argumentos coerentes.

Numa reflexão à cerca da construção do conhecimento na sociedade da informação, Moran (2002) ressalta que a informação é processada de várias formas, segundo o objetivo e o universo cultural do sujeito. A forma mais habitual é o processamento lógico-sequencial, que se expressa na linguagem falada e escrita, em que aos poucos o sentido é construído, em seqüência espacial ou temporal, dentro de um código relativamente definido que é a língua, com maior liberdade na fala e na escrita pessoal ou coloquial. Assim, conforme aponta o estudioso, adquirir habilidade na linguagem significa ter, ao mesmo tempo, a lógica e a sintaxe que estão inseridas nessa linguagem.

No contexto contemporâneo, uma outra forma de processamento da informação é a hipertextual, contando histórias, relatando situações que se interconectam, ampliam-se, levando a novos significados importantes, inesperados ou que terminam diluindo-se nas ramificações de significados secundários. “É a comunicação ‘linkada’, através de nós intertextuais. A leitura hipertextual é feita em ‘ondas’, em que uma leva á outra, acrescentado novas significações” (MORAN, 2002, p. 19).

Aprofundando a exemplificação da comunicação hipertextual, para Santaella (2004) com a proliferação de *sites* e portais que estão disponibilizados para consulta na internet deu origem à interatividade informática, que produz o hipertexto hipermidiático, no qual camadas de dados relacionados entre si permitem gerar uma



informação em torno de escolhas aleatórias. Neste caso, a autora afirma que a interatividade está no sujeito que cria o hipertexto, nos nexos, nós e redes multilíneas que vão sendo geradas por suas escolhas de leituras. Estas não são nunca previsíveis, pois só podem nascer no ato de interagir com a máquina.

Nos sistemas cibernéticos, o conceito de texto sofre mudanças substanciais. Embora um elemento textual possa ainda ser isolado, sistemas baseados em computador são primordialmente interativos em vez de unidirecionais, abertos em vez de fixos. (SANTAELLA, 2004, p. 164).

Atualmente, mais uma modalidade de processamento da informação em ascendência é a forma multimídia, juntando pedaços de textos de várias linguagens superpostas simultaneamente, que compõem um mosaico impressionista, na mesma tela, e que se conectam com outras telas multimídia. Para Moran (2002), a leitura é cada vez menos sequencial. As conexões são tantas que o mais importante é a visão ou leitura em *flash*, no conjunto, uma leitura rápida, que cria significações provisórias, dando uma interpretação rápida para o todo, e que vai se completando com as próximas telas, por meio do fio condutor da narrativa subjetiva: dos interesses de cada um, das suas formas de perceber, sentir e relacionar-se.

Como reforça Castells (1999), de todas as tecnologias da informação, a internet está transformando radicalmente os meios de comunicação, está convertendo-se no coração articulador dos distintos meios, da multimídia. Ainda de acordo com o autor, transforma-se no sistema operativo que permite interconectar e canalizar a informação sobre o que acontece, onde acontece, e torna-se o sistema conector interativo do conjunto do sistema multimídia.

Para Moran (2002) com as novas tecnologias da comunicação e informação, na maior parte do dia, utiliza-se um tipo de conhecimento polivalente, de resposta rápida, um conhecimento que precisa responder a solicitações imprevisíveis que exigem soluções imediatas. As pessoas, principalmente as crianças e os jovens, não apreciam a demora, querem resultados imediatos. O autor reforça que os meios de comunicação, principalmente a televisão, oferecem tudo “mastigado”, em curtas sínteses e com respostas fáceis. O acesso às redes eletrônicas também estimula a busca *on-line* da informação desejada. É o que ele define como uma situação nova no aprendizado.

Para o autor, uma das tarefas principais da educação é ajudar a desenvolver tanto o conhecimento de resposta imediata como o de longo prazo; tanto o que está ligado a múltiplos estímulos sensoriais como o que caminha em ritmos mais lentos, que exige



pesquisa mais detalhada, e tem de passar por decantação, revisão, reformulação. Assim, é preciso pensar numa nova escola; uma escola aberta às novas tecnologias da comunicação e informação que compete à atenção das crianças e jovens com uma linguagem atraente, sendo muitas vezes uma competição desigual.

### **3 Os desafios da escola**

Com a difusão cada vez mais acelerada dos meios de comunicação e informação, principalmente entre os jovens, a escola se encontra diariamente desafiada. Para Barbero (2003) os meios de comunicação e as tecnologias de informação significam para a escola, sobretudo, um desafio cultural, que deixa visível a brecha cada dia maior entre a cultura a partir da qual os professores ensinam e aquela outra a partir da qual os alunos aprendem. Pois os meios de comunicação não somente descentralizam as formas de transmissão e circulação do saber, mas constituem um âmbito decisivo de socialização, de dispositivos de identificação/projeção de pautas de comportamento, estilos de vida e padrões de gosto.

A escola, apesar de todas as mudanças contemporâneas, tenta manter a legitimidade de detentora do conhecimento. Como aponta Citelli (2000), fazem parte da chamada cultura escolar, os atos coercitivos gerados no pressuposto da existência de uma autoridade, em que se inclui a questão funcional-hierárquica, justificada pelo discurso pedagógico. O arranjo da linguagem afirma que os processos de ensino-aprendizagem dizem respeito aos mecanismos de acumulação simbólica, mas que permitem, por fim, o acesso ao plano material.

Pela via da estrutura escola, considerando sua lógica institucional presente, parece não existir outra forma de aprender senão tendo em mira os conteúdos como finalidades em si e que aliados a outros conteúdos postos na mesma série terminariam por legitimar as unidades (do conhecimento) chamadas disciplinas. A boa lógica diria, portanto, que quanto maior o número de disciplinas ministradas nas unidades escolares, maior o domínio do conhecimento. (CITELLI, 2000, p. 109).

Como afirma Costa (2005), é neste cenário que a educação tem que rever seu paradigma letrado e adentrar o campo das imagens e das linguagens tecnológicas para que possa ultrapassar as barreiras que separam duas culturas: uma, eurocentrada, iluminista e burguesa, baseada na escrita como forma de produção e controle do conhecimento; e outra, globalizada, massiva, baseada em múltiplas linguagens e



tecnologias da comunicação, dentre as quais se afirmam de forma hegemônica os meios audiovisuais. A autora ressalta que a superação de barreiras não é fácil nem imediatista, mas é um trabalho que envolve debates, experimentação, análise e avaliação, em um processo com avanços e recuos, mas firme e definitivo.

Dessa forma, à escola coloca-se o desafio de trabalhar num universo marcado pelas linguagens complexas, híbridas. Para Citelli (2006), em uma reflexão sobre mídia e escola, afirma que os deslocamentos e crescentes processos de integração entre os *media*, com a televisão, a internet, os jogos eletrônicos, o rádio, acentuam e intensificam as migrações do conhecimento e da informação, facultando aos jovens vivenciar experiências de linguagens que não se bastam e tampouco se confinam à tradição verbal. Essa evidência transforma a sala de aula em espaço cruzado por mensagens, signos e códigos que não se ajustam ou se limitam à tradição conteudística e enciclopédica que rege a educação formal. As sociabilidades singularizadoras da existência dos jovens – incluem-se desde a maneira de se relacionar com os espaços urbanos; os mecanismos de agregação em torno de grupos - os gostos musicais; a roupa; as perspectivas sobre o futuro; os interesses políticos, culturais e profissionais, etc – que ocorrem à escola estão marcadas por novos modos de ver, sentir e compreender.

Ao se perguntar o porquê da instituição escolar não valorizar adequadamente o uso de tecnologias, Masetto (2002) relacionando com o pensamento de Citelli, aponta algumas situações, por exemplo: a convicção de que o papel da escola em todos os níveis é o de “educar” seus alunos – entendendo por “educação” transmitir um conjunto organizado e sistematizado de conhecimentos das diversas áreas, desde a alfabetização, passando por matemática, língua portuguesa, ciências, história, geografia, física, biologia e outras, até aqueles conhecimentos próprios de uma formação profissional nos cursos de graduação de uma faculdade. Além disso, espera-se que a escola possa transmitir valores e padrões de comportamentos sociais próprios da sociedade em que se vive. Conservam-se o patrimônio cultural da humanidade e as atitudes sociais esperadas. Assim, “visando à consecução desses objetivos, o professor é formado para valorizar os conteúdos e ensinamentos acima de tudo, e privilegiar a técnica de aula expositiva para transmitir seus conhecimentos” (MASETTO, 2002, 134).

Nesse sentido, Pretto (1996) ampliando as discussões levantadas por Citelli, afirma que a instituição escolar está fundamentada apenas no discurso oral e na escrita, centrada em procedimentos dedutivos e lineares, praticamente desconhecendo o universo audiovisual que domina o mundo contemporâneo. Para o autor, a superação do



analfabetismo da língua ainda é um desafio para muitos países como o Brasil e, no entanto, um novo desafio já se coloca sem a possibilidade de se esperar a solução do primeiro. Assim, faz um alerta:

Hoje, com a proliferação generalizada de imagens pelos meios de comunicação, podemos ir um pouco mais além e afirmar que o analfabeto do futuro será aquele que não soube ler as imagens geradas pelos meios eletrônicos de comunicação. (PRETTO, 1996, p. 99).

Para Barbero (2003) é por meio da proliferação da tecnicidade midiática como dimensão estratégica da cultura que a escola poderá inserir-se nos processos de mudança que a sociedade atravessa. Para isso, a escola deve interagir com os campos de experiência nos quais se processam hoje as: hibridações da ciência com a arte, das literaturas escritas e audiovisuais, reorganização dos saberes a partir de fluxos e redes pelos quais se move não somente a informação, mas o trabalho e a criatividade; o intercâmbio e disponibilização de projetos, pesquisas e experimentações estéticas. E, portanto, interagir com as mudanças no campo/mercado profissional, ou seja, com as novas figuras e modalidades que o ambiente informacional possibilita, com os discursos e relatos que os meios de comunicação de massa mobilizam e com as novas formas de participação cidadã que eles abrem, especialmente na vida local. Assim, o autor acrescenta:

Comunicação e educação reduzidas ao uso instrumental dos meios na escola, fica fora daquilo que seria estratégico pensar: a inserção da educação nos complexos processos de comunicação da sociedade atual – o ecossistema comunicativo que constitui o ambiente circundante. (BARBERO, 2003, p. 67-68).

Assim, nada impede que, para além das necessárias seleções curriculares e processos didáticos planejados, a relação ensino/aprendizagem se coloque – no seu espaço necessariamente local de realização – como uma experiência e aventura. Dessa forma, Braga e Calazans (2001) acrescentam que a escola em seus processos de aprendizagem, só pode ser aventura, marco e experiência relevante de socialização para quem já traz do aprender uma experiência vivida anterior como ponte relevante para o mundo social. Os processos mediáticos desenvolvidos pela sociedade representam, portanto, desafios à escola. Os autores enumeram pelo menos dois níveis de desafios a serem superados pela instituição escolar.

No primeiro, os processos sociais extra-escolares multiplicam ocasiões e estímulos que serão vividos como relevantes, fornecendo assim pistas para as interações





subseqüentes dos indivíduos. Independente de serem ou não, objetivamente, as melhores pistas, no melhor interesse das pessoas, estas experiências entram em concorrência com os processos escolares, que podem assim ter menos condições de propor suas vivências como relevantes.

O segundo nível, descrito pelos autores, são as interações sociais gerais (como processo da comunicação social ampla) tornam-se solicitantes de preparação. Para os mesmos, se a sociedade funciona segundo tais processos, uma boa socialização implica a necessidade de desenvolvimento de competências de interações pertinentes. Se a escola tem razões para crer numa socialização espontânea (através da imersão no social) pode não oferecer as melhores pistas, pode não favorecer o melhor interesse das pessoas, deve então socializar mais agudamente para seleções e permeações escoladas. No entanto:

Mas como não é possível socializar por recomendações e injunções – e sim por vivência – a escola deve aprender a gerar experiências que ao mesmo tempo incluam aqueles processos (e não se limite a falar sobre eles) e os façam relevantes em perspectiva educacional (sem estiolar no encaminhamento, as especificidades e a riqueza interacional que carregam). (BRAGA E CALAZANS, 2001, p. 143-144).

Dessa forma, mais do que ensinar técnicas mediáticas e fazer uma crítica analítica de produtos, a escola é desafiada a incluir lógicas e procedimentos, em seu funcionamento cotidiano, voltados para uma boa socialização em uma sociedade em constante transformação, e onde as novas tecnologias da comunicação e informação já fazem parte do cotidiano de todos, principalmente das crianças e jovens.

#### **4. Comunicação e Educação: aproximações**

##### **4.1 Perspectivas Históricas: da teoria à prática**

Imagina-se que o uso de meios de comunicação e de tecnologias da informação em matéria de educação é um fenômeno recente. Como afirma Citelli (1999) as inter-relações entre os campos da comunicação e da educação podem ser remontadas às décadas de 30 e 40, e deriva das inquietudes geradas pela expansão dos *media* no século XX.

A crescente presença da imprensa escrita, do rádio e, finalmente, da televisão mostrava estar se desenhando uma nova configuração nos conceitos de



ensino/aprendizagem, de educação, de conhecimento. De início a grande pergunta feita pelos educadores dizia respeito aos possíveis danos que os novos meios, sobretudo a televisão, causariam nos jovens, influenciando-os, afastando-os dos livros, disponibilizando-lhes temas e problemas nem sempre condizentes do ponto de vista ético, moral e comportamental. Esta linha de reflexão era baseada na perspectiva das mensagens unidirecionais do emissor ao receptor.

Nos estudos sobre os meios de comunicação, principalmente a televisão, durante anos sobressaiu o modelo mecânico, que considerava a iniciativa da comunicação toda do emissor, ficando o receptor restrito a reagir aos estímulos enviados. Nas Teorias da Comunicação esta relação é conhecida como Teoria Hipodérmica, onde a posição defendida por este modelo sintetiza-se na afirmação na qual “cada individuo é um átomo isolado que reage isoladamente às ordens e às sugestões dos meios de comunicação de massa monopolizados” (WOLF, 2001, 22).

Em anos mais recentes, com as pesquisas realizadas pelas teorias da recepção e das mediações, aquela visão comportamentalista e dos efeitos diretos passou a ser questionada no suposto da existência de múltiplos fatores convergindo para o desenvolvimento cognitivo e social dos jovens. Já se sabe que pais, professores, vizinhos e colegas influem na recepção de mensagens. Nesse processo ocorrem mediações cognitivas, culturais, situacionais, estruturais e as ligadas ao meio mediático, à intencionalidade do emissor. O receptor é sujeito ativo e pertence a um contexto sociocultural específico. Interpreta mensagens segundo sua visão de mundo, experiências, valores, e cultura de seu grupo. Para Citelli (1999) é neste contexto que deve ser pensado o nível de influência exercido pelos meios de comunicação.

A interlocução entre comunicação e educação emerge de um longo caminho percorrido pela História da Educação. Fonseca (2004) indica o pensamento pedagógico da Escola Nova, que floresceu no final do século XX, nos Estados Unidos e na Europa, como a semente geradora desse movimento de imbricação.

A teoria e a prática da Escola Nova, embora encontrem antecedentes desde o século XIV no pensamento ocidental tomam corpo como um movimento de renovação educacional *fin-de-siècle*. A consolidação dos Estados-nacionais, a urbanização, a industrialização, o liberalismo econômico e a idéia de democracia política, as descobertas científicas da Sociologia e da Psicologia, a criação da escola pública burguesa e a crescente pressão das classes operárias por instrução são fatores ligados ao aparecimento do pensamento escolanovista, em fins do século XIX. (FONSECA, 2004, 24).



Entre as várias contribuições da Escola Nova, aponta-se a preocupação com os métodos e recursos didáticos como um dos aspectos que permitiram o diálogo entre Comunicação e Educação. Dessa matriz comum de renovação educacional, duas grandes linhas de força, estritamente relacionadas ao emprego dos meios de comunicação na escola, foram se configurando: o tecnicismo pedagógico e o construtivismo.

No panorama geral das idéias pedagógicas em curso no século XX, o movimento de interlocução entre Comunicação e Educação foi sendo gerado no entrecruzamento de concepções das várias correntes de matriz escolanovista. A recusa aos fundamentos da pedagogia tradicional foi um elo entre diversos pontos de vista educacionais que, porém, frequentemente divergiam nas propostas e nas metodologias.

Com o desenvolvimento da indústria cultural, as relações entre Comunicação e Educação se estreitam, o marco passa a ser teórico-prático, de modo que tanto educadores quanto comunicadores, de alguma forma, aproximam-se. (FONSECA, 2004, p. 29).

A interlocução entre Comunicação e Educação foi retomada, num viés político, pelos autores da chamada Escola Latino-Americana, nas décadas de 1960 e 1970. Muitos de seus atores, ligados a movimentos sociais, formularam suas reflexões no campo educacional ou comunicacional inspirados em experiências comunitárias. A Escola Latino-Americana, representada por autores como Paulo Freire (1921-1997), Francisco Gutiérrez (1928) e Antonio Pasquali, surgiu como um contra-modelo às formulações da pesquisa sociológica funcionalista norte-americana sobre as comunicações de massa. Para esses autores, os meios de comunicação refletiam os interesses do imperialismo cultural norte-americano sobre o continente. Opunham-se a uma comunicação, que na concepção do grupo, seria vertical e unilateral; propondo em contrapartida uma comunicação horizontal, participativa e dialógica.

No entanto, o pioneiro, na América Latina, no campo de estudos que relaciona diretamente a comunicação com os processos educativos foi o argentino-uruguaio Mario Kaplún (1924-1998) que criou o termo educomunicação. A partir da década de 1980, inspirados pelas pesquisas inglesas de recepção na linha dos estudos culturais, mas interessados primordialmente pela realidade latino-americana, autores como Jesus Martin-Barbero, na Colômbia e Guillermo Orozco-Gorméz, no México, trabalham com dedicação nesta perspectiva. Esses autores propõem outro horizonte investigativo para o



problema da comunicação coletiva, recusando as teorias de dependência e do imperialismo.

A Educomunicação é um campo a mais no universo ensino/aprendizagem e que envolve um novo perfil profissional, onde se faz necessário conhecer tanto da área da comunicação quanto da educação. Educomunicadores é a palavra empregada por Mario Kaplún, na década de 80, baseado na filosofia educacional de Paulo Freire e ampliada através dos estudos e pesquisas realizadas no Brasil e América latina pelo professor Ismar de Oliveira Soares e sua equipe de pesquisadores, para designar o profissional que trabalha com a interface comunicação e educação. Segundo Schaun (2002), as motivações que levam profissionais do mundo inteiro a trabalhar na junção comunicação/educação são permeadas pelas utopias sociais. Os educadores, como passam a ser conhecidos, são indivíduos que acreditam na mediação da comunicação com e para a educação enquanto política de intervenção social fragmentada e complexa da pós-modernidade, estruturada na lógica do poder econômico-financeiro internacional e do fenômeno da globalização.

## **5 As mídias na escola: futuro do presente**

Os meios de comunicação concorrem diretamente com a escola, e de uma forma muita vezes, desleal. Conforme afirma Citelli (1999) enquanto o ritmo das aulas e o tempo dos discursos didáticos insistem na adoção de procedimentos discursivamente fechados, de pouca ou nenhuma plasticidade signica, os alunos dialogam crescentemente com as linguagens não-escolares, referentes à “revolução digital” desenvolvendo, em consequência, outras formas de perceber, ver e sentir o mundo.

Reforçando Citelli, conforme afirma Setton (2004) é preciso chamar a atenção para o fato de que as formas de aprender e tomar conhecimento sobre o mundo, os mecanismos de transmissão do saber, os agentes da transmissão, as ocasiões e os espaços educativos já não são mais os mesmos. Como comenta a autora, é certo considerar que o processo educativo e o resultado desse aprendizado – o educando, suas práticas e a forma como fazem o uso delas – sofreram profundas alterações. Se convencionalmente, a educação exigia disciplina, silêncio, destreza em um único tipo de linguagem, a saber, a leitura e a escrita; se, tradicionalmente, somente os adultos na figura dos pais e dos professores detinham o conhecimento; se apenas os livros, as bibliotecas, museus e conservatórios de artes asseguravam o caminho da cultura e da



educação, “hoje a informação e o saber estão pulverizados em várias linguagens e disseminados em vários veículos e instituições produtores de bens simbólicos” (SETTON, 2004, 60).

Desde a década de 20, o rádio, o cinema, as revistas, e mais recentemente, os *outdoors*, a Internet e sobretudo a TV são veículos transmissores de informação, saber e cultura característicos da sociedade contemporânea. Em 1950, quando as emissoras de rádio estavam praticamente generalizadas em território nacional, o cinema levava multidões às salas de projeção e a difusão televisiva dava seus primeiros, mas decisivos passos. No entanto, Setton (2004) chama à atenção para a escolarização da população, onde mais da metade era analfabeta. Conforme a autora, antes que a escola se universalizasse, antes que o saber formal se tornasse referência educativa para grande parte da população, antes que a língua escrita estivesse generalizada em todo o território nacional, o rádio, a TV e o cinema já eram conhecidos da população.

Para Fonseca (2004) a crise de um sistema escolar que não atendeu à demanda social pela educação formal, a necessidade de rever os paradigmas dominantes no ensino – num ambiente de presença cada vez maior dos meios de comunicação na vida cotidiana – forçaram de alguma maneira o encontro de perspectivas entre esses dois mundos – o da Educação e o da Comunicação – por longo tempo, separados.

O próprio Ministério da Educação, ao estabelecer, em 1996, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o ensino fundamental e médio, no item “Temas Transversais”, incentiva o desenvolvimento de projetos, muitos deles ligados às práticas e aos conteúdos das comunicações. A instalação de aparelhos de televisão, videocassete, DVD e informatização das escolas públicas; o incentivo à formação a distância, mesmo com todas as críticas que se possa fazer ao tecnicismo oficial, demonstram que a Educação hoje não pode prescindir de múltiplas mediações – entre elas a dos processos de comunicação.

Assim, nos últimos anos, os meios de comunicação vêm sendo incorporados na educação formal como estratégia pedagógica de motivação e de descoberta de outros saberes. Ainda conforme Fonseca (2004) o crescimento do ensino privado no Brasil é outro fator importante para a emergência de projetos de mídia na Educação. A classe média passou a matricular seus filhos na rede particular, fugindo das más condições de infra-estrutura e pedagógicas do ensino público. A concorrência nesse mercado fez com que as escolas buscassem um maior “dinamismo” de métodos, recursos e técnicas de



ensino. “Os meios de comunicação são vistos como recursos didáticos mais próximos do cotidiano dos alunos”. (FONSECA, 2004, p. 50)

Para Braga e Calazans (2001) com a introdução dos meios de comunicação nos ambientes escolares, o sujeito desenvolve competências variadas de reflexividade e nas suas interações com materiais simbólicos mediatizados, obtém aprendizagens relevantes para seus objetivos, transferíveis a novas situações, podendo ser conscientemente expressas.

Em síntese, a quantidade e a qualidade das aprendizagens que podem ser obtidas na interação com a mídia dependem certamente dos produtos em circulação, dos estímulos inerentes às linguagens mediáticas ativadas, das dimensões da aprendizagem, mas também das condições de prontidão e envolvimento do usuário – determinadas por sua formação e suas experiências de vida.

## **6 Considerações Finais**

A interface Comunicação/Educação na atualidade é algo cada vez mais presente, com o advento do progresso ininterrupto, do desenvolvimento dos transportes, das comunicações, da aceleração e quebra de barreiras físicas que passam a ser virtuais, do favorecimento do acesso à informação. Hoje, muito se sabe que se aprende em outros espaços, e que a escola não é a única detentora do saber, muito se aprende em contato com os meios de comunicação: o rádio, os programas de auditório e as telenovelas, os desenhos animados, o cinema, etc.

Atualmente com os *medias* o acesso à informação está ao alcance de todos, principalmente dos jovens que dominam as novas tecnologias. Portanto, já não mais se negam os efeitos dos meios de comunicação no processo de aprendizagem e já se sabe que pais, professores, vizinhos e colegas influem na recepção de mensagens. Nesse processo ocorrem mediações cognitivas, culturais, situacionais, estruturais e as ligadas ao meio midiático, à intencionalidade do emissor. O receptor é sujeito ativo e pertence a um contexto sociocultural específico. Interpreta mensagens seguindo sua visão de mundo, experiências, valores, a cultura de seu grupo. Recepção não é só o momento do assistir ao filme ou programa por exemplo; prolonga-se nos cotidianos e em comunicações habituais, constitui-se espaço de produção de sentidos, conhecimentos. Através de um filme, por exemplo, pode ser aprender muito sobre uma dada realidade desconhecida ou se aprofundar em conhecimentos específicos.



Assim, é importante ressaltar que uma apropriação crítica e criativa das mídias em contextos formativos, sugere que algumas fronteiras no trabalho com as crianças e jovens podem ser ultrapassadas: de consumidores e espectadores aos sujeitos produtores de cultura, e isso leva a pensar em outras formas de participação no contexto escolar e na cultura.

## REFERÊNCIAS

BARBERO, Jesús M. Globalização comunicacional e transformação cultural. in MORAES, Dênis (org.) Por uma outra comunicação. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BRAGA, José Luiz, e CALAZANS, Regina. Comunicação e Educação: questões delicadas na interface. São Paulo: Hacker, 2001.

CASTELLS, Manuel, 1942 – A sociedade em rede – (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.1) São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CITELLI, Adilson. Palavras, meios de comunicação e educação. São Paulo: Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_. Comunicação e educação. A linguagem em movimento. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.

COSTA, Cristina. Educação, imagem e mídias. São Paulo: Cortez, 2005.

FONSECA, Cláudia Chaves. Os meios de comunicação vão à escola? Belo Horizonte: Autêntica/ FCH-FUMEC, 2004.

MASETTO, T. Marcos. Mediação Pedagógica e o uso da tecnologia. In MORAN, José Manuel. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas, SP: Papirus, 2000.

MORAN, José Manuel Moran. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In MORAN, José Manuel. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas, SP: Papirus, 2000.

NAPOLITANO, Marcos. Como usar o cinema na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2003.

SANTAELLA, Lúcia. Navegar no Ciberespaço: O perfil cognitivo do leitor imersivo. Paulus, 2004.

SCHAUN, Ângela. Educomunicação: reflexão e princípios. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SETTON, Maria da Graça Jacinto. A educação popular no Brasil: a cultura de massa. REVISTA USP, São Paulo, n.61, p.58-77, março/maio 2004.